

RECOMEÇOS

Patricia Wyman Na Revista Virtue [Virtude]

Até a noite, Lee.

- Essa manhã, o beijo rotineiro de Mark nem chegou a tocar meu rosto. Ele seguiu em direção à porta, mas se virou antes de sair:

- Ah!, talvez eu tenha uma reunião hoje à noite. Se tiver, eu aviso você.

Não devolvi seu beijo nem dei uma resposta a seu comentário.

Sem notar que não correspondera a seu beijo nem lhe dera uma resposta, Mark fechou a porta e saiu.

Em um impulso, agarrei minha xícara de café, precipitei-me em direção à porta e a abri. Vi Mark dar a volta no canteiro de azaléias, até que, quando entrou na garagem, o perdi de vista.

Nos primeiros anos de nosso casamento, essa era a nossa tradição matinal. Eu ficava à porta até que ele tirasse o carro da garagem, buzinasse e acenasse adeus. Não houve nenhum aceno de mãos essa manhã, e meu olhar vagou solitário, pois ele não esperava mais que eu estivesse ali à porta.

Voltei para a cozinha e enchi novamente minha xícara, joguei uma malha de lã sobre meus ombros, fui para o quintal e me sentei no velho balanço. Esse quintal sempre me encantou. Esperava que estar ali, sentada, me ajudasse a recordar as lembranças de um tempo em que éramos mais felizes.

Embora estivéssemos bem no início da primavera, o sol aquecia meu rosto. As árvores começavam a brotar, e o orvalho matutino sobre as pétalas amarelas das forsítias refletia os raios de sol.

Olhei para o local onde ficava a cerejeira japonesa, sempre cheia de flores. Mark e eu a plantamos quando nos mudamos para essa casa, 20 anos atrás. Essa árvore, principalmente quando florescia, passou a representar muito além do que apenas a beleza que exibia e a sombra que proporcionava. A maturação da árvore acompanhava o crescimento de nossos três filhos.

Os ventos fortes, quase tão fortes quanto o de um furacão, assolaram nossa região no último outono e derrubaram a árvore.

Quando os paisagistas escavaram as raízes, senti como se minhas raízes estivessem sendo arrancadas.

Olhei a faixa nua de terra que restou e me lembrei o dia em que fiquei sabendo que iríamos mudar para essa casa.

Éramos casados havia seis anos e tínhamos três filhos - Mark Jr., Becca e Emily. Morávamos em um pequeno apartamento e estávamos amontoados ali, como roupas em uma mala extremamente cheia. Eu estava fazendo purê de batatas para o jantar, quando Mark deu um pulo em casa.

- Todos para a sala - Mark ordenou. - Tenho uma novidade para contar a vocês.

Ele andava de cá para lá, impaciente, à espera de que nos acomodássemos.

- Achei uma casa para nós. Precisa de uma reforma para arrumar uma série de detalhes, mas é uma casa muito boa. O melhor de tudo é que ela tem um quintal enorme e maravilhoso. Não, o melhor mesmo é que podemos comprá-la.

Naquela manhã ensolarada de primavera, percebi que a casa era tudo o que me sobrara.

Os filhos já haviam saído de casa, e cada um já cuidava de sua própria vida. Embora eu tivesse um emprego muito gratificante como enfermeira de um pediatra, ainda assim deparava-me com horas a fio de inatividade que não sabia como preencher, horas em que volta e meia tinha de enfrentar o sentimento de desolação e inutilidade que me assolava, eu sempre levava a sério minha função de mãe. Estava determinada a educar meus filhos em um lar espiritual. Passei uma boa parte de meu tempo tentando infundir valores em meus filhos.

Levava-os a treinos, jogos e aulas. Ajudava-os com a lição de casa e preenchia meus dias com centenas de outras coisas que as crianças em geral solicitam - coisas que parece que ninguém mais nos pede. É verdade que Mark ainda morava conosco fisicamente, mas emocionalmente estava a anos luz de distância.

O que mais me incomodava era não saber quando tudo começou. No momento em que notei sua distância, o abismo entre nós estava profundo e grande demais para ser atravessado.

- Chega! - disse eu e voltei para casa.

O telefone tocou no momento em que eu estava entrando na cozinha - as chamadas de Becca, todas as quartas-feiras de manhã, sempre no mesmo horário.

- Mãe, sei que você detesta festas surpresa, mas vou dar uma festa para você - disse-me ela.

- Algo muito gentil e carinhoso, Becca. Mas, mesmo que eu gostasse de festas surpresa, por que você organizaria uma para mim?

- Mãe! Pelas bodas de prata no mês que vem - disse-me, mas em sua ansiedade pareceu mais minha mãe do que minha filha. - Guarde sua festa surpresa para a celebração das bodas de ouro - retruquei.

E adicionei mentalmente: "Se chegarmos lá! ".

Após fazer o relatório sobre todas as maravilhas que meu neto estava fazendo, Becca despediu-se. Enquanto me trocava para ir ao trabalho, eu ainda pensava sobre essa misteriosa dor que estava destruindo meu casamento, que um dia fora bem saudável.

O pensamento que me recusara a enaltecer com considerações conscientes insistia em me perturbar até que eu disse para mim mesma: "Não, não pode ser devido a outra pessoa. Deus, por favor, não permita que seja outra pessoa".

As semanas seguintes transcorreram com poucas mudanças em nosso relacionamento. Éramos dolorosamente polidos um com o outro. Beijos rotineiros passaram a fazer parte de nosso ritual matutino, e Mark continuava tendo muitas reuniões até tarde da noite.

Um sábado, quando Mark sugeriu que saíssemos para jantar, comecei a desejar, apesar de todas as evidências contrárias, que nosso encontro servisse para reavivar algo em nosso coração.

Cheia de expectativa, dei-me ao luxo de paparicar-me: apliquei uma máscara facial, lavei o cabelo, tomei um banho de banheira com sais de banho, fiz as mãos e descansei por uma hora.

Decidi usar um conjunto bege de seda no qual havia três anos não conseguia entrar. Parece que minha apatia em relação a tantas coisas incluía a comida.

Enquanto Mark me ajudava a entrar no carro, disse-me que eu estava encantadora.

Infelizmente, o jantar foi por água abaixo. Depois que falamos sobre as crianças e o trabalho, nossa conversa ficou muito formal e bem estranha.

Na sobremesa, minhas esperanças renasceram, quando, uma vez mais, ele me disse: "Você realmente está muito bonita hoje, Lee". No entanto, naquela noite caímos no sono na posição habitual - de costas um para o outro e com um espaço enorme entre nós. Eu o toquei acidentalmente, mas logo me encolhi. Parecia ter feito algo indecente, como se tivesse tocado um estranho.

Minha mente continuava cochichando algo para mim: "Foi culpa daquela tempestade", mas eu sabia que, qualquer que fosse o problema que estávamos enfrentando, uma árvore que caíra não poderia ser a culpada.

Acordei às seis horas e saí bem cuidadosamente da cama.

Enrolada em um robe, velho e acolhedor, peguei meu café e fui sentar-me no balanço lá fora, no meio do chilrear dos pardais e dos canários-da-terra.

"Acabou", murmurei. "Nosso casamento realmente acabou...

mas eu não quero que acabe! Não posso deixá-lo acabar!"

Meu olhar voltou-se para o local onde a árvore estivera, e vi algo no solo. Coloquei minha xícara no chão, apertei bem o robe, fui até lá e me ajoelhei.

Pequenos brotos estavam forçando o caminho através da terra dura. Percebi que eram lírios do campo. Talvez, estivessem ali há muito tempo, escondidos entre as raízes da árvore, e eu ainda não os notara. Talvez tivessem sido forçados a permanecer dormentes por todos esses anos, cedendo lugar para as necessidades avassaladoras de uma árvore em crescimento.

Não interessa muito como apareceram por ali, mas a verdade é que algumas plantas pequenas se estendiam na direção do céu e do sol.

Meus pensamentos voltaram-se para o quintal de minha infância, cheio de lírios do campo. Quando minha mãe ficava na varanda para os admirar e sentir o doce perfume que exalavam, seu rosto expressava tranqüilidade e paz, a mesma expressão que tinha quando estava na igreja.

- Essas pequenas flores, em formato de sino, parecem muito delicadas - dizia ela -, mas na verdade são muito resistentes. Não importa se o inverno foi muito severo ou não, na primavera elas sempre brotam.

A seguir, abria os braços como se fosse segurar o quintal e tudo o que estava ali.

- Não dá para acreditar que esse exuberante crescimento de coisas belas começou apenas com algumas plantas! Creio que esse espetáculo é uma mensagem de esperança de nosso Senhor - dizia ela.

Entrei, preparei caprichosamente tudo o que Mark mais gostava de comer logo que acordava, arrumei uma bandeja e servi a ele o café da manhã na cama.

Debrucei-me sobre ele, dei-lhe um beijo e sussurrei: "Você não faz idéia de quanto eu o amo!".

Ele se assustou e despertou do sono profundo, deu uma espiada sob as pálpebras pesadas e perguntou com voz rouca:

- O que é isto? Qual o problema?

- Não tenho bem certeza - disse-lhe. - No entanto, estou disposta a consertar o que quer que esteja errado. E você?

- Lee, tem algo que quero contar para você.

- Agora não, Mark. Vamos planejar nossa viagem!

- Que viagem? - perguntou ele, enquanto apoiava seu corpo sobre um cotovelo.

- A das bodas de prata! Onde você quer ir?

- Lee, não é o que você está pensando... eu nunca...

- Nunca pensei que tivesse - emendei.

Estava ali com meu cabelo emaranhado, embrulhada em meu velho robe, quando Mark pegou minha mão e disse: "Você é tão bonita! ".

E o novo recomeçar prometido pelos lírios do campo criou raízes em meu coração.

Tudo, qualquer coisa que eu compreenda,
compreendo apenas porque amo.

LEO TOLSTOY